

Ninguém Num Sabe¹

Carolina da Silva COSTA²
José Bonfim Moraes JÚNIOR³
Luana Silva SANTANA⁴
Oripia Nunes COSTA⁵
Yrla Braga MOURA⁶
Gilson COSTTA⁷

Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

RESUMO

Uma obra audiovisual, do gênero documentário, que conta a história de Paraíba, “Baininho” e Antônio. As identidades de um homem nada comum e ao mesmo tempo socialmente invisível. Antônio é um retirante nordestino com um passado que se perdeu na falta de lógica de suas narrativas, pelos efeitos do alcoolismo e transtorno mental. Em uma de suas mudanças foi para o interior de Mato Grosso, no cemitério da cidade de Barra do Garças, onde morou por vários anos em um jazigo, viveu muitas histórias, conheceu muita gente, mas sobre o seu passado, “ninguém num sabe”. A obra é resultado de estudos e práticas adquiridos na disciplina de “produção de documentário” no curso de comunicação Social – Jornalismo da UFMT-CUA.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário, Jornalismo, Produção,

1 INTRODUÇÃO

Como estudantes de jornalismo, buscamos a todo momento conciliar teoria e prática, por acreditar que tal atitude nos torna profissionais mais completos, e nos fortalece para enfrentar o temido mercado de trabalho. Com esse objetivo, cursamos no quinto semestre de nossa graduação a disciplina denominada “Produção de Documentário”, matéria optativa existente na grade curricular do curso de comunicação social - jornalismo

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria cinema e audiovisual, modalidade filme de não ficção/documentário/ docudrama.

² Estudante do 7º. Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, email: carolcosta-22@hotmail.com

³ Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, email: bonfimzeh@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, email: Luana.santanana@hotmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, email: oripia@hotmail.com

⁶ Estudante do 7º. Semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, email: yrlabraga@hotmail.com

⁷ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso email: gilcostta@gmail.com

da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT-CUA).

Entre os objetivos da disciplina destacamos o desafio de fomentar os estudos sobre as distâncias e as proximidades entre jornalismo e documentário, além de abordar as teorias e práticas dessa forma de construção de narrativas. Como também estudos práticos de produção laboratorial, técnicas de filmagem, edição de vídeo e iluminação.

(...) a formação acadêmica em jornalismo requer um amplo conhecimento dos aspectos práticos da profissão, sejam eles, voltados para a mídia impressa, televisiva, radiofônica, ou ainda, a digital desenvolvida para o ambiente virtual na plataforma web. Neste sentido, os cursos devem oferecer um conjunto significativo de disciplinas de viés técnico ao longo da graduação.(COSTA, 2014)

Como trabalho final da disciplina foi proposto para que grupos, separados entre os alunos, produzissem documentários com temáticas voltadas para meio em sua volta e que fossem de interesse da coletividade.

Diante das temáticas levantadas por nosso grupo decidimos produzir uma obra que tinha o propósito de contar a história do senhor “Paraíba” (ex-morador do cemitério municipal de Barra do Garças MT), através de depoimentos de pessoas que convivem direta ou indiretamente com ele, pessoas que de certa forma fazem parte de sua rotina.

Um homem sozinho, que vive rodeado de animais. Para sobreviver depende unicamente de pessoas solidárias que o ajudam. Personagem bem conhecido pela população barragarcense, reconhecido muitas vezes por sua aparência sofrida, como mendigo, louco ou usuário de drogas. Poucos têm o conhecimento de quem é realmente o Paraíba, ou melhor, Seu Antônio, seu verdadeiro nome.

Muitas vezes nem o próprio Antônio sabe contar a sua verdadeira história, com lapsos de lucidez ele nos dá indícios de sua vida, mas logo se perde em devaneios, provavelmente um reflexo de uma vida sofrida ou de seu passado com problemas de alcoolismo.

Mostrar esta identidade desconhecida do personagem através do documentário foi a nossa primeira intenção. Saber quem era, de onde veio e como veio parar nessa cidade. A partir de pesquisas descobrimos que havia várias possíveis explicações de seu passado, do porque estava ali e quem realmente ele era. Diante desta constatação, decidimos produzir uma obra poética, para que ao assistir o documentário o telespectador possa construir sua própria interpretação sobre o personagem e sua história, ou de alguma forma mudar outras já existentes.

2 OBJETIVO

A produção foi apresentada como trabalho final da disciplina de “produção de documentário” no curso de jornalismo da UFMT-CUA , onde as teorias ensinadas em sala de aula nos auxiliaram para que pudéssemos ter êxito no processo de produção e pós-produção.

A primeira intenção deste documentário foi mostrar a identidade desconhecida da personagem. Tentar saber quem era, de onde veio e como e porque passou anos morando em um cemitério. Depoimentos de diferentes fontes revelaram um grande leque de explicações acerca da origem de Antônio.

A primeira vista um personagem as vezes invisível para muitos, que mesmo às margens da sociedade carrega uma história e possui um valor social. Também foi nosso objetivo mostrar para sociedade que essas pessoas, como Antônio, muitas vezes não são o que enxergamos.

3 JUSTIFICATIVA

Ao andar pelas ruas de Barra do Garças, uma cidade de interior, porém muito movimentada, será possível se deparar com um senhor de baixa estatura, moreno, andando de cabeça baixa pela calçada. Na boca poucos dentes, que muito dificilmente abre um sorriso, rodeado de cachorros, na maioria das vezes com um saco nas costas, onde carrega a comida de seus animais. Para muitos moradores da cidade, essas são as únicas características que conseguem enxergar em seu Antônio.

De forma geral, o grupo que produziu o documentário, é formado por pessoas criadas na cidade. Ao decorrer da produção, percebemos que todos os integrantes tinham em suas mentes histórias diferentes sobre seu Antônio, Paraíba ou até mesmo baianinho. Ao colocar a história do personagem como proposta do filme, muitas informações entraram em conflito, o que nos instigou a procurar respostas para as indagações que surgiam.

As duvidas mais frequentes eram a respeito do passado de Paraíba, como ele chegou em Mato Grosso e quais os motivos que o levaram a chegar à aquela situação. Buscando tais respostas, chegamos a conclusão que foram vários os fatores que o levaram a viver daquela forma, fatores estes que ficaram perdidos no tempo, gerando diferentes explicações.

Partindo desta premissa decidimos produzir uma obra poética. Este modo de documentar se preocupa muito com a estética e subjetividade dos temas abordados, reunindo fragmentos do mundo de modo abstrato.

O modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução. (NICHOLS, 2005, p.138)

O modo poético pode dar a impressão que as imagens falam por si procurando comover e marcar o telespectador por meio da imagem e do áudio. A partir disso buscamos valorizar os depoimentos e trilhas sonoras, e não utilizar voz em *off*.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Ao longo do processo de produção do documentário pesquisamos e nos embasamos em métodos que atendessem as necessidades da construção da obra. Nosso principal referencial teórico foi a obra de Bill Nicholls intitulada *Introdução ao Documentário*. O primeiro método foi o dialógico na busca pelo foco do trabalho, este concentrado na pré-produção, onde decidimos a temática a ser seguida, elaboração de roteiro, pesquisa e seleção de fontes.

Em um segundo momento, já na fase de produção, partimos para entrevistas com as fontes. Neste ponto, é importante ressaltar que priorizamos pessoas que poderiam nos dar informações sobre o personagem, e que, de alguma forma, nos aproximassem dele. Os depoimentos foram todos captados através de entrevista abertas, como em um bate papo, onde não tínhamos questionamentos previamente estruturados, o que permite um clima descontraído e natural para o entrevistado. As entrevistas não seguiram a forma tradicional do jornalismo diário, cuja técnica - em decorrência muitas vezes do curto tempo de apuração - pode apresentar determinadas limitações quanto a profundidade almejada. A proposta era realizar entrevistas que envolvessem os personagens e que realmente adentrassem em suas histórias, marcadas pelo longo diálogo entre entrevistador e entrevistado. Este tipo de entrevista foi classificada por Edgar Morin e ampliada por Cremilda Medina (2006) como neoconfissões. Nesse modelo de entrevista o entrevistador se apaga diante do entrevistado, que ganha espaço diante do entrevistador, de tal modo que as predisposições de quem pergunta cedem espaço para um encontro significativo, em que, capta-se uma confissão dotada de inigualável profundidade.

Com imagens e depoimentos captados, damos início a edição, montagem, escolha de trilha sonora e posteriormente finalização do produto encerrando o processo de pós-produção.

Utilizamos para captação de imagem a câmera Canon Rebel t3i, com captação de áudio direto, optando-se por utilizar o apoio do tripé, bem como da técnica conhecida como *câmera na mão*, possibilitando assim uma maior liberdade e experimentação estética. Desta forma, tivemos a oportunidade de experimentar na prática as técnicas estudadas sob o ponto de vista teórico, conforme apresenta COSTA (2014):

Do ponto de vista da estrutura da narrativa, o documentarista tem maior liberdade para trabalhar os elementos estéticos que constituem seu produto, fazendo uso de planos e enquadramentos mais elaborados, trabalhando técnicas de iluminação com estética própria, usando “câmera-na-mão” (este recurso, apesar de gerar imagens mais tremidas, imprime maior autenticidade ao que está sendo mostrado) (COSTA, 2014).

Todos estes equipamentos nos permitiram a execução de técnicas de enquadramento de imagem, qualidade de som e luz conforme discutido e projetado em sala de aula. Tais técnicas colaboraram também para que, no processo de montagem e finalização, o produto apresentasse uma qualidade aceitável para uma boa apreciação.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário foi montado a partir de depoimentos de seis fontes que de alguma forma conviveram com seu Antônio, e também com a participação do próprio personagem. Os depoimentos foram intercalados na montagem, dando dinamicidade ao filme, que é marcado também, pela característica descontraída das entrevistas.

A primeira entrevistada foi dona “Lazinha”, uma moradora dos arredores do cemitério, que conheceu *Paraíba* desde a época que chegou para morar no local. Relata todos os momentos em que conviveu com ele e como pôde ajudá-lo em momentos delicados.

Nilva Lobo é a única fonte que conheceu seu Antônio antes dele ir morar no cemitério, nos tempos em que ele ainda trabalhava como vigia de casas na cidade. Relata a admiração que tem pelo personagem, um amigo que fez quando ainda era criança.

Fátima Coelho, uma fiel amiga de seu Antônio, também moradora dos arredores do cemitério de Barra do Garças, sempre leva sopa aos domingos para o almoço do amigo. Sempre que pode o ajuda com roupas, remédios e suprimentos. Fátima conhece Antônio a cerca de dezenove anos, ela foi peça chave para nosso primeiro contato com o personagem.

Os animais são companheiros constantes de *Paraíba*, e foi por eles que Solange Carvalho se aproximou do personagem. Defensora dos animais, Solange começou a tratar dos vários cachorros e gatos de seu Antônio, até que percebeu que aquele homem, também precisava de ajuda, foi quando passou a auxiliá-lo com alimentos, e conseguiu retirá-lo do cemitério e coloca-lo em uma residência no centro da cidade.

Eliete de Oliveira foi nossa quinta entrevistada, nascida em Barra do Garças, sempre frequentou as missas de segunda-feira na capela do cemitério. Foi em uma dessas missas que Eliete conheceu Antônio, e comovida com a situação que ele se encontrava, sempre que possível levava alimentos e roupas para ele.

A sexta fonte a dar o seu depoimento foi Nayane Moraes, jovem que relata a sua visão sobre Paraíba. Quando ainda era criança, conta do medo que sentia daquele homem que habitava o cemitério e que constantemente estava embriagado.

Uma pessoa de olhar desconfiado, receoso, que dificultou a nossa aproximação. Após três visitas e a ajuda de sua amiga Fátima, seu Antônio permitiu que o filmasse. As filmagens com Paraíba foram feitas em uma manhã, acompanhando sua rotina de todos os dias em que sai de sua casa às sete da manhã e leva comida aos seus animais que ele não pôde levar para casa, e ainda estão morando cemitério. Em um bate papo descontraído, cheio de lapsos em suas memórias, seu Antônio nos conta histórias sobre sua vida e de quem já passou por ela.

Os depoimentos exprimem as opiniões de cada uma das fontes em relação ao personagem, o seu modo de viver, agir, pensar e histórias sobre seu passado, promovendo assim um leque de informações, que ajudam a compor a narrativa. E a partir dessas informações os telespectadores vão construir suas próprias conclusões sobre a identidade e a vida de seu Antônio. O que afirma a intenção poética da obra, em trabalhar com a subjetividade dos fatos, para torna-los possível de explicação.

6 CONSIDERAÇÕES

Conhecer personagens como Antônio é sempre enriquecedor para qualquer pessoa. A vida sofrida que teve e as dificuldades que passa não são motivos para perder a esperança de viver e de pensar no próximo. Tamanha simpatia e bondade são características difíceis de perceber em um breve encontro, mas basta passar alguns momentos com ele e conversar com pessoas que vivem em sua volta, que se torna possível enxergar o verdadeiro Antônio, que por muito tempo ficou escondido em um homem que sofreu com o vício.

Obras como esta demandam tempo e dedicação, mas adquirimos deste trabalho experiências mais que acadêmicas e percebemos que com obras audiovisuais podemos contar uma história, apresentar para a sociedade a interpretação de uma realidade que está muito próxima, mas que ao mesmo tempo é distante pelo simples fato de não quisermos enxergar.

Produções como esta proporcionam ao jornalista práticas que vão lhe ajudar no dia a dia de sua profissão, a apuração bem feita, a entrevista de qualidade, o senso crítico e o respeito à fonte. A parte técnica também traz ganhos, em relação a noções de qualidade de imagem, posicionamento de câmera, montagem e edição de vídeo. Todas elas de um peso grande para o aprimoramento técnico e intelectual do profissional.

Outro ponto enriquecedor para o jornalista em participar de produções de documentários é o aprimoramento do seu olhar crítico perante o mundo que está a sua volta, podendo fazer interpretações e observações que talvez o jornalismo diário não os permite fazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Gilson Moraes da. **O vídeo-documentário no curso de jornalismo: percorrendo caminhos possíveis.** Artigo apresentado como resultado do curso de Docência do Ensino Superior, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso, campus Cuiabá (ano 2014).

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista - O diálogo possível.** São Paulo: Editora Ática, 1986.

NICHOLAS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas-SP: Ed. Papyrus, 2005.

GAUTHIER, Guy. **O documentário: Um outro cinema.** Campinas-SP: Ed. Papyrus, 2011.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa (org). **Teoria contemporânea do cinema - documentário e narrativa ficcional.** São Paulo: SENAC, 2005.

LINS, C. **O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

WATTS, Haris. **On Câmera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC.** São Paulo: Summus, 1998.